

CONTRIBUIÇÕES TEOLÓGICAS DE JÜRGEN MOLTSMANN PARA O ENTENDIMENTO DA RESSURREIÇÃO DE CRISTO

Bruno da Silveira Albuquerque

Mestre em Teologia

Docente na Faculdade Iguazuana de Teologia

Resumo: Este artigo deseja fazer uma breve reflexão de caráter sistemático sobre o tema da ressurreição de Cristo a partir da perspectiva teológica de Jürgen MOLTSMANN proposta, sobretudo, em sua obra *O caminho de Jesus Cristo*, destacando as principais interrelações feitas pelo autor com outros temas comuns da teologia cristã.

Palavras-chave: Ressurreição; Cristologia; J. Moltmann; Esperança; Cristianismo.

Abstract: This paper wants to do a brief reflection on the theme systematic character of Christ's resurrection from the theological perspective of Jürgen MOLTSMANN proposal, especially in his book *The Way of Jesus Christ*, highlighting key interrelationships made by the author with other themes common Christian theology.

Keywords: Resurrection; Christology; J. Moltmann; Hope; Christianity.

Introdução

Neste trabalho de teologia sistemática queremos apresentar as linhas fundamentais da cristologia do teólogo protestante *Jürgen Moltmann*¹, no tópico que se refere à ressurreição de Jesus Cristo. Nesta análise, tomaremos como base a obra mais importante do referido teólogo na área cristológica. Ela se chama *O Caminho de Jesus Cristo*, com o subtítulo *Cristologia em dimensões messiânicas*. Ela foi lançada em alemão² em 1989, chegando a ser traduzida para a língua portuguesa, pela Ed. Vozes nos anos 1990. Foi reeditada em 2009 pela Ed. Academia Cristã, de São Paulo, preservando a tradução anterior. Em nosso trabalho, tomaremos esta edição mais recente para as citações.

O Caminho de Jesus Cristo é obra que dá sequência a uma série de reflexões sistemáticas iniciadas entre os anos 1970 e 1980. Depois da primeira trilogia de Moltmann, com as obras *Teologia da Esperança* (1964), *O Deus crucificado* (1972) e *Igreja na força do Espírito* (1975),

¹ Jürgen Moltmann nasceu em 1926 em Hamburgo, na Alemanha. Ele é considerado hoje uma lenda viva no cenário teológico mundial. Doutorou-se em 1954. Foi professor de teologia dogmática nas Universidades de Wuppertal e Bonn, até 1967, e também na Universidade de Tübingen, de 1967 a 1994. Sua dolorosa experiência na Segunda Guerra o marcou profundamente, sendo o evento fundante e embrionário de sua teologia. Como prisioneiro de guerra, refletiu sobre a vida e a esperança que pode restar em situações desesperadoras. Foi justamente aí em que se começou a desvelar a ele a imagem de um Deus que não desampara os aflitos e moribundos, Deus que foi revelado através da cruz de Jesus.

² Título original em alemão: *Der Weg Jesu Christi: Christologie in messianischen Dimensionen*.

iniciou-se uma segunda série de obras ainda mais sistemáticas e aprofundadas, como *Trindade e Reino de Deus* (1980) e *Deus na Criação*³ (1985). Após perpassar áreas da teologia sistemática como Trindade, Protologia, Escatologia e Eclesiologia, Moltmann empreendeu analisar mais de perto, no fim da década de 1980, os tópicos da Cristologia e da Pneumatologia, dando continuidade e amadurecimento ao seu trabalho teológico.

A Cristologia de Moltmann

Estudar Moltmann não é uma tarefa simples. Equivale a buscar uma teologia que evoca desdobramentos diversos que fazem um diálogo profundo com seu tempo. Uma teologia que não se resume em fórmulas prontas ou conceitos-chave decorados. É uma verdadeira dialética que mistura e articula elementos teológicos de várias tradições diferentes⁴, principalmente com o judaísmo que uma vez fez parte das concepções e opções de Jesus Cristo.

A teologia de Moltmann é uma teologia da esperança, mas também uma teologia da cruz⁵, que faz urgir ainda uma teologia trinitária. Sua proposta central é partir do pressuposto do Deus que sofre na cruz e experimenta a morte. Cruz e ressurreição são inseparáveis entre si, e da Trindade. A cruz de Jesus revela o relacionamento de amor entre Pai e Filho, porquanto quem ama não se furta ao sofrimento. A ressurreição por sua vez permite a efusão do Espírito Santo, que reascende a coragem, a alegria e a fé, entre os homens amedrontados pela visão daquela cruz, ao ponto de reinterpretá-la. Deus Trindade faz emergir resultante esperança aos crucificados de hoje, pois Cristianismo é Esperança. Então é assim, que a partir da Trindade, Moltmann vai buscar a noção de Unidade, e não o contrário⁶. Ela vai de uma *ecologia* a uma *teologia*.

Portanto, a cristologia de Moltmann será decorrente de uma visão do Deus Trino que *sofre*. Não como a divindade imóvel e impassível dos antigos gregos, mas como dinâmica da real relação entre o Pai e o Filho cuja cruz é base da argumentação teológica cristã.

Quando o autor alemão elabora sua cristologia, seu centro mais importante é a *perspectiva messiânica* na história de Jesus de Nazaré, buscando desenvolver toda a cristologia a partir desse

³ Esta é uma das obras de Moltmann menos conhecidas no Brasil. J. MOLTSMANN, *Deus da criação*. Doutrina ecológica da criação, Petrópolis, Vozes, 1992.

⁴ O autor, mesmo sendo um alemão reformado, é profundamente influenciado, por exemplo, pelos pressupostos da teologia ortodoxa oriental, conforme L.F. LORENZEN, *Introdução à Trindade*, São Paulo, Paulus, 2002, p. 81.

⁵ Para conhecer a tese de Moltmann sobre a cruz de Cristo como chave para a teologia, ver J. MOLTSMANN, *O Deus crucificado*. A cruz de Cristo como base e crítica da teologia cristã, São Paulo, Academia Cristã, 2011.

⁶ J. MOLTSMANN, *Trindade e Reino de Deus*. Uma contribuição para a teologia, 2ª Ed., Petrópolis, Vozes, 2011, p. 33.

messianismo ⁷. Os aspectos da encarnação, vida, ministério, paixão, morte e ressurreição de Cristo sempre são ligados por Moltmann a este núcleo messiânico fundamental.

A ressurreição escatológica de Jesus Cristo

Aqui resumiremos basicamente o capítulo V da referida obra de cristologia, a fim de ressaltar seus pontos mais relevantes para a teologia. Vamos ainda conectar as ideias do capítulo com algumas outras obras de Moltmann, que fazem referência à Ressurreição.

É interessante perceber que na obra de Cristologia, o capítulo da *ressurreição escatológica* de Cristo é intimamente ligado ao anterior, que fala dos *sofrimentos apocalípticos* de Cristo. Note-se neste ponto que a ênfase para nosso autor é a *apocalíptica* do Reino de Deus, que constitui uma chave fundamental para sua releitura da paixão, juntamente com a *escatologia*, que constitui elemento para a compreensão da ressurreição. Não como dois momentos totalmente distintos, mas como eventos intimamente ligados e inseparáveis, à luz do porvir de uma nova criação.

O reino de Deus (...) não revela apenas o aspecto ético no Sermão do Monte, mas também o aspecto apocalíptico do fim “do mundo presente” (Mc 13; Mt 24; Lc 21). Compreendido de modo apocalíptico, o reino de Deus acarreta o fim do tempo presente deste mundo e o começo da nova criação. Por isso ele vem com tribulações e tentações apocalípticas. Para o “mundo presente”, elas significam o fim catastrófico. Na verdade, porém, são as dores de parto do novo mundo. No caso desses “mundos”, trata-se de “tempos do mundo” (éones), não do próprio céu e da terra. A libertação das “amarras ímpias do mundo presente” dispõe as pessoas para o serviço grato nas criaturas de Deus. Apocalíptica nada tem a ver com maniqueísmo, mas é esperança no Criador de uma nova criação ⁸.

Para o autor alemão, não há possibilidade de irrupção definitiva do Reino de Deus em sua plenitude de nova criação, se não houver os sofrimentos apocalípticos do mundo presente. Jesus Cristo, em sua manifestação, participou desses sofrimentos messiânicos em sua paixão e morte, a ponto de abrir o horizonte escatológico do mundo, que se confirmará na ressurreição.

Moltmann entendeu que não foi apenas o *Jesus de Nazaré* que morreu, mas antes de tudo a morte veio ao *Messias, Filho de Deus, judeu, escravo e vivo* ⁹. Com estas expressões, ele recorda a singularidade da pessoa de Jesus, e a relevância desta morte em todo o processo salvífico de

⁷ A.G. RUBIO, *O encontro com Jesus Cristo vivo*. Um ensaio de cristologia para nossos dias, 14ª Ed., São Paulo, Paulinas, 2010, p. 124.

⁸ J. MOLTSMANN, *O caminho de Jesus Cristo*. Cristologia em dimensões messiânicas, São Paulo, Academia Cristã, 2009, p. 238.

⁹ *Ibid.*, pp. 254-263.

Deus para o mundo. Desencadeia-se, então, a ressurreição de Cristo, percebida agora sob o prisma escatológico.

A fé cristã na ressurreição

Da fé na ressurreição de Jesus, resulta que “Cristo é o Senhor”, de acordo com a teologia paulina e com toda a cristandade primitiva. Moltmann, entendendo isso, percebe a necessidade de responder a algumas perguntas referentes à ressurreição.

Preliminarmente, perguntamos em termos históricos: Que diz a fé original cristã na ressurreição e que ela não diz? Depois perguntamos teologicamente: Como pode a fé na ressurreição ser entendida nas condições e formas de pensar dos tempos modernos? Por fim perguntamos eticamente: com que consequência há que se defender de forma verossímil hoje a fé na ressurreição? ¹⁰

Nosso teólogo começa com uma pergunta à procura de algo na *história*, depois, uma pergunta da *teologia*, e passa a uma pergunta da *ética*. Então, no referido capítulo percebe-se essa tríade que perpassa toda a sua discussão: história, teologia e ética. Mas lembrando sempre que, independente da diferença de enfoques disciplinares, morte e ressurreição são os dois lados do mesmo “evento crístico” ¹¹.

Esclarecendo uma possibilidade de resposta a uma questão histórica da fé cristã primitiva sobre a ressurreição de Jesus, Moltmann recorda sobre morte e ressurreição:

Não se trata de dois acontecimentos da mesma categoria, que se pudesse enumerar um depois do outro, mas de um contraste como não se pode imaginar mais radical: a morte de cruz de Cristo é um fato histórico – a ressurreição de Cristo é um acontecimento escatológico. A cruz se encontra no tempo presente de violência e pecado – o Ressurreto vive no tempo futuro da nova criação em justiça. Entre os enunciados cristológicos nos credos: “padeceu, foi crucificado, morto” e “no terceiro dia ressuscitou dos mortos” não cabe um “e”, mas um ponto e uma pausa, pois aí começa um enunciado qualitativamente bem diferente, ou seja, o enunciado escatológico a respeito de Cristo. Quem faz nivelção neste ponto e enumera fatos salvíficos, este destrói a característica da morte ou a característica da ressurreição de Cristo. Quem denomina de histórica a ressurreição de Cristo, como sua morte de cruz, esse não separa a nova criação que começa com ela e erra a esperança escatológica ¹².

¹⁰ Ibid., p. 323.

¹¹ Ibid., p. 324.

¹² Ibid., pp. 324-325.

O teólogo da esperança entendeu, portanto, que *história* e *escatologia* não se fundem, como se fossem duas realidades equivalentes. Somente se pode confrontar ambas. Fora disso, uma acabará por se dissolver na outra, ou vice-versa. A ressurreição é o *alvo* da história, e a ultrapassa. “É bem verdade que História é o paradigma da moderna era europeia, no entanto, não é o derradeiro paradigma da humanidade”¹³.

Consequentemente, para Moltmann, a escatologia cristã se dá no fato de que “Jesus ressuscitou para o futuro de Deus e que ele foi visto e crido como o representante desse futuro de Deus, do homem livre e da nova criação”¹⁴.

Exposta essa distinção preliminar, vejamos o que Moltmann desenvolve acerca da fé cristã primitiva na ressurreição.

Aspectos históricos

Localiza-se aqui um breve enfoque histórico que o nosso autor realiza sobre os primeiros testemunhos do evento da ressurreição de Cristo. Destacam-se as aparições na Galileia, conforme os evangelhos, além dos testemunhos mais antigos, que são de Paulo, em 1Coríntios (9,1; 15,3-8), refletidos em outras repercussões teológicas mais indiretas, em Gálatas (1,15s.), Filipenses (3,12), e mais tarde com Lucas, no livro de Atos dos Apóstolos, capítulo 9.

A importância da fé pascal fundamenta-se, sobretudo, com um *ver*. Esta forma “pode significar: Cristo foi visto, e também pode significar: Cristo apareceu e se deixou ver. E, finalmente, ela pode significar, de acordo com a perífrase passiva do nome de Deus: Deus o deixou ser visto”¹⁵. Portanto, “o ser humano envolvido na aparição é passivo”¹⁶.

Moltmann, ainda em perspectiva exegética, reafirma a incerteza quanto à *localização* do fenômeno das aparições, supondo que a Galileia seja a região mais provável, assim fazendo com que os discípulos retomassem o caminho de Jerusalém, antes do Pentecostes. Considera-se a mesma incerteza quanto ao *tempo de duração* destas aparições, tendo em vista o caráter simbólico de algumas expressões temporais como “terceiro dia” e “quarenta dias”¹⁷.

Aspectos sistemáticos

¹³ Ibid., p. 326.

¹⁴ MOLTSMANN, *O Deus crucificado*, p. 210.

¹⁵ Ibid., p. 207.

¹⁶ Ibid., p. 208.

¹⁷ MOLTSMANN, *O caminho de Jesus Cristo*, p. 330.

Em acordo com a teologia de Paulo, e sem se distanciar da exegese, se faz lembrar a conexão teológica que existe já entre certas expressões gregas do NT, *ver* e a *revelação* de Deus.

Paulo liga esse “aparecer” e “ver” em Gl 1,15 à expressão *apokalypsis*. Ao relacionar esse grupo do aparecer e do ver com o grupo do manifestar, a intenção é dizer algo bastante específico: Deus revela algo que está oculto para o conhecimento ao mundo. Ele revela algo que, dadas as condições do conhecimento do século presente, é irreconhecível. Mas, o que está oculto e não é reconhecido, devido às condições presentes, são os “mistérios do fim dos tempos”, i.e., o futuro de Deus e a justiça de seu Reino.¹⁸

Logo, a Ressurreição de Jesus é uma revelação de Deus mesmo, não como um evento totalmente ininteligível. A teologia deve apresentar, portanto, uma razoabilidade ao falar da ressurreição. Seu aspecto fundamental e sistemático se apresenta desde então.

O Ressuscitado é o Crucificado!

Já em *O Deus crucificado*, nosso autor articulava a cruz e a vitória de Deus sobre a morte, sem deixar de lado as considerações escatológicas primeiras de sua *Teologia da Esperança* (1964)¹⁹.

Situa-se o ponto de vista teológico que já demonstrávamos acima, sobre a escatologia e a apocalíptica, afirmando a cruz de Jesus no centro dessa relação. “Entre a fé pascal escatológica e a apocalíptica tardia do judaísmo, em suas diversas formas, estava Jesus e sua cruz”²⁰. Desta forma, pela ressurreição, a cruz é compreendida, e com a compreensão da cruz, o aprofundamento sobre a ressurreição.

Neste sentido, a fé na ressurreição relaciona o *passado* e o *futuro* do mundo. História e escatologia são distintas, porém relacionadas, uma vez que: “O ver pascal tem dois lados: as testemunhas oculares viram 1) um resquício da glória vindoura do Reino de Deus na figura de Jesus e 2) reconheceram Jesus nos sinais de sua crucificação”²¹.

Que significa ver e constatar que o crucificado, morto e sepultado agora vive? Que implicação existe entre *reconhecer* o crucificado e *ver* aquele que vive? Moltmann continua sua explicação, lembrando do que aconteceu aos discípulos:

Deste modo, pode-se dizer: foi um reconhecer no ver o que está por vir e um ver o que está por vir no reconhecer. Eles viram Jesus na glória do

¹⁸ Id., *O Deus crucificado*, p. 208.

¹⁹ J. MOLTSMANN, *Teologia da Esperança*, São Paulo, Herder, 1971.

²⁰ MOLTSMANN, *O Deus crucificado*, p. 207.

²¹ Ibid., p. 209.

Deus que vem, e a glória do Deus que vem em Jesus. Logo, foi um processo de identificação intercambiável²².

Assim, explica-se o retorno dos discípulos a Jerusalém, “local para a chegada do esperado Messias – Filho do Homem”²³. Esta cidade representa as esperanças messiânicas, do Deus que vem ao seu povo, melhor possibilitadas pela morte-ressurreição de Jesus.

Temos assim quatro consequências teológicas essenciais da afirmação de que o ressuscitado é o crucificado:

a) Para nosso autor, a postura dos homens perante o crucificado é fator decisivo ao juízo final²⁴. Juízo e Reino de Deus se identificam no crucificado, então “na ressurreição do crucificado jaz, também, o evento da encarnação do Deus que vem e da sua glória no Jesus Crucificado”. Quem encarnou (história) foi aquele que virá (futuro), em glória manifesta já desde a sua cruz (Jo 12,23-24.28).

b) O teólogo de Tubingen, tendo a cruz como o pressuposto da ressurreição, reafirma ainda o teor da *transcendência* e da *imanência* de Deus e da fé cristã. “A fé cristã da ressurreição não fundamenta só a transcendência, mas, também, a imanência dessa fé, pois ela vê o Deus transcendente, imanente em Jesus e, inversamente, o Jesus imanente, transcendido em Deus”²⁵.

c) Por conseguinte, o autor relembra a necessidade de deixar claro o que a ressurreição *não* significa. Em primeiro lugar, a Tradição afirma que a ressurreição de Jesus Cristo não é um mero *reavivamento de cadáver*. “A fé pascal jamais pode implicar que o Jesus morto tenha voltado a esta vida, que conduz à morte.”²⁶. Em segundo lugar, a ressurreição de Jesus é um evento ímpar, por não ser *vida após a morte*. A vida na ressurreição “expressa a aniquilação da morte na vitória da nova vida eterna (1Co 15,55)”²⁷.

d) Resta afirmar o entendimento *soteriológico* da cruz-ressurreição. A ressurreição, então, “qualifica o Crucificado como Cristo e seu sofrimento e morte como um evento de salvação por nós e por muitos. A ressurreição não torna a cruz inútil (1Co 1,17), mas a plenifica com escatologia e sentido salvador”²⁸.

Ressurreição e o Mistério Trinitário

²² Ibid.

²³ Ibid.

²⁴ Ibid., p. 210.

²⁵ Ibid., pp. 210-211.

²⁶ Ibid., p. 212.

²⁷ Ibid.

²⁸ Ibid., p. 228.

Ainda em perspectiva sistemática, o autor destaca a importância do Espírito Santo, relativa à ressurreição de Jesus.

A fé cristã primitiva na ressurreição não se fundou apenas nas aparições de Cristo, mas foi motivada pelo menos com a mesma intensidade pela experiência do Espírito de Deus. Por isso Paulo denomina a esse Espírito de “o Espírito” ou “o poder da ressurreição”. Lucas coloca depois do fim das aparições pela “ascensão” o derramamento do Espírito pentecostal. Crer no Cristo ressurreto significava ser tomado pelo Espírito da ressurreição. No Espírito experimentava-se a presença do Cristo vivo. Crer na ressurreição de Cristo, portanto, não significa aceitar um fato, mas ser tomado pelo Espírito vivificador e participar das forças do mundo vindouro (Hb 6,5).²⁹

Justamente essa é uma das particularidades da teologia de Moltmann, a saber, a facilidade com que tem de articular com clareza cristologia e pneumatologia³⁰. Após sua cristologia, ele escreveria justamente uma importante obra sobre o Espírito Santo, ainda pouco conhecida no Brasil³¹.

Não só isso, mas, evidentemente, a própria noção de Trindade é logo articulada a partir da cristologia. Moltmann faz isso, a partir tanto da já mencionada teologia da cruz³² quanto da própria perspectiva da ressurreição³³.

Analisando o texto bíblico de Gálatas 1,15 nosso teólogo resgata o significado trinitário aí explícito. Deus revelou *Seu Filho* a Paulo. O apóstolo descreve sua visão do ressuscitado com estas palavras: “Mas quando aprovou a Deus, que me reservou desde o seio da minha mãe e me chamou por sua graça, revelar-me o seu Filho, a fim de que eu o tornasse conhecido entre os gentios...”. Paulo reconhece o ressuscitado como *Filho de Deus*; não apenas como *Deus*, mas como Filho, um sujeito próprio. A antiga cristologia reproduzida por Paulo se expõe ainda em outros textos (Rm 1,9). Em termos *trinitários*, Moltmann expressa que “podemos afirmar que Deus ‘promoveu’ a Jesus, pela sua ressurreição dos mortos, a Filho de Deus no poder. E isso aconteceu por meio do ‘Espírito que santifica’”³⁴. Para ele, Pai e Filho são mais do que títulos

²⁹ Id., *O caminho de Jesus Cristo*, p. 331. Cf. também: Ibid., pp. 370-373.

³⁰ Notadamente, o autor articula com mais detalhes cristologia e pneumatologia na primeira parte do capítulo III da obra de cristologia em foco, sob o título “A Missão messiânica de Cristo”, *ibid.*, pp. 123-154. Esta não é a primeira ocasião em que Moltmann desenvolve essa articulação, pois já havia sido feita bem antes, sob o título “A transfiguração do Espírito”, *Idem, Trindade e Reino de Deus*, pp. 132-137, e de forma embrionária em outras obras e artigos da década de 1970. Essa articulação o próprio Moltmann denomina de “Cristologia do Espírito”, chamada por outros teólogos como “cristologia pneumatológica”.

³¹ J. MOLTSMANN, *O Espírito da Vida*. Uma pneumatologia integral, Petrópolis, Vozes, 1999.

³² L. LADARIA, *O Deus vivo e verdadeiro*. O mistério da Trindade, São Paulo, Loyola, 2005, pp. 87-95. O autor destaca a importância de Moltmann e Jüngel para a afirmação da Trindade a partir da cruz de Jesus.

³³ A base da articulação entre ressurreição e Trindade se encontra formulada basicamente em MOLTSMANN, *Trindade e Reino de Deus*, pp. 96-107.

³⁴ *Ibid.*, p. 100.

ou designações teológicas, mas *nomes* que indicam a natureza da filiação divina. Soma-se a isso a presente atuação do *Espírito* no Filho ressuscitado, sinônimo de *glória do Pai* (Rm 6,4) e de *poder de Deus* (Rm 6,14). Isto traz consequências para nossa concepção de ressurreição:

A ressurreição não deve ser entendida unicamente no seu sentido escatológico, mas também no seu processo trinitário. Isso faz com que seja necessário o emprego expresso do nome do Filho nessa relação. Qual é, nesse contexto, a forma da Trindade reconhecível na história do Filho? - O Pai ressuscita o Filho, pela força do Espírito. - O Pai revela o Filho, pelo Espírito. - O Filho é estabelecido como Senhor do poder de Deus, mediante o Espírito³⁵.

Disso decorre uma sequência *Pai-Espírito-Filho*. Assim, a ressurreição de Cristo tem uma chave hermenêutica no entendimento de um processo trinitário e escatológico de Deus. A dinâmica trinitária tem uma determinada ordenação, de acordo com a perspectiva adotada. Quando a perspectiva é do envio do Espírito criador por meio do Filho, muda-se a sequência acima: “O Pai ressuscita o Filho morto, pelo Espírito vivificador. O Pai estabelece o Filho como Senhor do seu reino. O Filho ressuscitado envia o Espírito criador do Pai, que renova céus e terra.”³⁶. A ordem agora é *Pai-Filho-Espírito*. Por último, temos, em termos de consumação escatológica e consumação do mundo e do homem, outra sequência, *Espírito-Filho-Pai*³⁷. Pelo Espírito, o ser humano confessa o Filho na fé, e chega ao Pai.

Desta forma, Ressurreição e Trindade acentuam-se mutuamente, gerando grandes constatações na teologia, e isto Moltmann observa com categoria.

Passaremos agora para as implicações que a fé na ressurreição de Jesus pode conferir ao Cristianismo de hoje, a partir das afirmações de Moltmann.

Implicações da fé na Ressurreição para a Igreja hoje

Agora, a primeira questão levantada pelo autor, em concordância com E. Bloch, afirma o que devemos esperar de fato: “a esperança da ressurreição não é uma esperança de uma felicidade humana, mas a expressão da esperança na justiça de Deus”³⁸. Esta esperança na *justiça de Deus*, aquela justiça que se manifestou no crucificado, não é justiça meramente

³⁵ Ibid., pp. 100-101.

³⁶ Ibid., p. 102.

³⁷ Ibid., p. 106.

³⁸ Id., *O Deus crucificado*, p. 218.

humana. “A fé cristã na ressurreição não anuncia tendências históricas ou esperanças antropológicas, mas, uma nova justiça em um mundo onde mortos e vivos clamam por justiça”³⁹. De fato, a pergunta pela ressurreição está ligada à pergunta pela justiça divina. Não importa saber “se a ressurreição de Jesus é física, biológica e historicamente possível e concebível, mas, se a ressurreição do Crucificado corresponde à justiça de Deus”⁴⁰. Nossa mensagem e nossa prática cristãs, permeadas pela esperança na nossa ressurreição futura, a qual está firmada na de Jesus, devem confirmar que Deus está do lado dos crucificados, e quer fazer justiça a todos eles.

Em segundo lugar, em consequência da esperança na justiça de Deus, fundamentada pela fé na ressurreição, articulando dialeticamente a noção e história e futuro, temos a necessidade de promover uma *práxis de libertação*.

Quem fala da ressuscitação de Cristo dentre os mortos e crê no poder de Deus que ressuscita mortos, este fala, em um só fôlego, da razão, do futuro, e da prática da libertação dos homens e da redenção do mundo. O que se pode saber historicamente a respeito da ressuscitação de Cristo não deve ser abstraído daquilo que se pode esperar dela e do que se deve fazer em seu nome. Somente na unidade de saber, esperar e fazer a ressurreição de Cristo é entendida historicamente no sentido pleno⁴¹.

Terceiro, nossa visão da natureza e de toda a *criação* muda também, após ser compreendido o sentido pleno da ressurreição. Moltmann entendeu que a morte de Cristo alcança não apenas o humano, mas também o cosmos, e declara com belas palavras:

Ele não morreu somente a morte violenta da história humana, mas também a morte trágica da natureza. Sendo sua ressurreição a ‘morte da morte’, então isso é tanto o começo da destruição da morte na natureza e, conseqüentemente, também o começo da ressuscitação dos mortos, quanto o começo da transfiguração da vida mortal da primeira criação na nova criação eterna⁴².

O dia da ressurreição de Cristo, logo, é o *oitavo dia* da primeira criação e *primeiro dia* da nova criação⁴³. Esta visão cristã sobre a natureza criada, com base numa reconciliação cósmica trazida pela ressurreição, conforme o primeiro capítulo da Carta aos colossenses, traz uma consequência fundamental à ética cristã: a luta por justiça, alargada pelo reconhecimento da dignidade de toda a criação.

³⁹ Ibid., p. 222.

⁴⁰ Ibid., p. 219.

⁴¹ Id., *O caminho de Jesus Cristo*, p. 356.

⁴² Ibid., p. 378.

⁴³ Ibid., p. 379.

Somente quando a violência estrutural for eliminada na relação com a natureza e com os demais seres vivos naturais e quando forem construídos equilíbrios justos surge uma paz que serve à sobrevivência de homens e da natureza. Para tanto, as pessoas deverão reconhecer os valores próprios e direitos próprios dos outros seres vivos naturais e não poderão avaliá-los mais tão-somente pelo critério de sua utilidade para o homem ⁴⁴.

Disso decorre que, escatologicamente, somente uma *ressurreição da natureza* seria capaz de completar o sentido da *ressurreição dos mortos* e da *ressurreição da carne*, devolvendo ao mundo as condições de ser novamente pátria do homem ⁴⁵.

Num quarto momento, nosso autor ainda indica a resistência da fé na ressurreição contra qualquer tipo de isolamento ou alienação das pessoas. “A esperança da ressurreição dos mortos leva à resistência contra o auto-isolamento do indivíduo da comunhão das pessoas” ⁴⁶. A fé na ressurreição é fé que pratica a comunhão decorrente de uma reconciliação cósmica e antropológica.

Tendo sido feita uma breve exposição sobre os principais argumentos de Moltmann quanto à ressurreição de Jesus Cristo, *histórica, teológica e eclesiologicamente*, bem como quanto às consequências dessa fé, passemos à conclusão de nosso trabalho.

Conclusão

Fizemos um rápido itinerário pela teologia de Jürgen Moltmann, grande figura da teologia protestante das últimas cinco décadas. Seu trabalho se mostra relevante até hoje, pelo alcance e abrangência que abarcam as suas obras em geral. Seu maior mérito é essa tentativa de uma teologia multiforme e de longa envergadura prática, mesmo com as limitações temporais e culturais que tangenciam todo e qualquer pensador. Seria importante fechar mais claramente nossa exposição entendendo as três dimensões⁴⁷ que marcam a experiência com o Ressuscitado, bem clarificadas nas palavras de Moltmann.

O encontro com o Vivo se deu *perspectivamente*, ao ver no crucificado a vida e o *preanúncio* da vindoura Glória de Deus. Também, *retrospectivamente*, no fato de *reconhecer* Jesus nas feridas dos cravos e no partir do pão. Por fim, *reflexivamente*, quando neste reconhecimento, os discípulos de Jesus percebem sua própria *vocação* de testemunhar do Mestre, no poder do Espírito.

⁴⁴ Ibid., p. 380.

⁴⁵ Ibid., p. 404.

⁴⁶ Ibid., p. 401.

⁴⁷ Ibid., pp. 332-333.

“Assim como Pai me enviou, eu também vos envio” (João 20,21).

Referências bibliográficas

BINGEMER, M.C.L. O Deus desarmado. A Teologia da Cruz de J. Moltmann e seu impacto na Teologia Católica. In: *Estudos de Religião*, v. 23, n. 36, pp. 230-248, jan./jun. 2009.

CARVALHO, J.C. Notas biográficas e teológicas sobre Jürgen Moltmann. In: *Humanística e Teologia* 28/1-2, (2007), pp 51-65.

LADARIA, L. *O Deus vivo e verdadeiro. O mistério da Trindade*. São Paulo: Loyola, 2005.

LORENZEN, L.F. *Introdução à Trindade*. São Paulo: Paulus, 2002.

MOLTMANN, J. *O caminho de Jesus Cristo. Cristologia em dimensões messiânicas*. São Paulo: Academia Cristã, 2009.

_____. *O Deus crucificado. A cruz de Cristo como base e crítica da teologia cristã*. São Paulo: Academia Cristã, 2011.

_____. *Trindade e Reino de Deus. Uma contribuição para a teologia*. 2ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

RUBIO, A.G. *O encontro com Jesus Cristo vivo. Um ensaio de cristologia para nossos dias*. 14ª Ed. São Paulo: Paulinas, 2010.